

**FAZER, GERIR E POUPAR...**

... Ou: “empreendedorismo, literacia financeira e educação do consumidor”. São temas próximos, complexos e de grande actualidade. Mas também, por isso mesmo, são temas muito recentes, ainda pouco trabalhados nas escolas e ainda pouco clarificados a nível conceptual. Este número da Noesis é, por isso, um número difícil.

É frequente os temas novos, as novas correntes pedagógicas, as inovações em geral serem filhos da necessidade. E este é um bom exemplo. Durante anos não prestámos grande atenção aos extractos bancários que recebíamos ou às aplicações que nos aconselhavam, tivemos dificuldades em escolher o tarifário do telemóvel mais adequado ou a assinatura de cabo que melhor servisse os nossos hábitos de consumo, gastámos energia e recursos como se fossem inesgotáveis.

Aparentemente tudo corria bem e a globalização da economia parecia tão distante e complexa que nos colocávamos nas mãos de “especialistas”. Mas, primeiro, as notícias da falência, a nível mundial, de tantas empresas nas mãos desses “especialistas”, depois a crise orçamental que o País atravessa e agora as dificuldades financeiras que sobre todos nós recaem levam-nos a tomar outra atitude: queremos saber para não nos sentirmos dependentes de forças que não dominamos.

E, como sempre, pede-se à escola, se não que resolva problemas que manifestamente ultrapassam, pelo menos que vá formando pessoas capazes de fazer face ao desemprego criando o seu próprio emprego e produzindo autonomamente. Fala-se então do “empreendedorismo”, que já foi colocado como uma das oito competências básicas a promover numa educação ao longo da vida, segundo a UE, e que logo introduziu o conceito nos debates curriculares dos 27 países que a constituem, incluindo, naturalmente, Portugal. Na última década começou-se também a falar de “literacia financeira” (ver, designadamente, as Recomendações da OCDE em 2005 e 2006) e a retomar-se e renovar-se, agora a nível escolar e incluindo o comércio electrónico, a nossa conhecida “educação do consumidor”.

Essas várias abordagens são duma grande actualidade e obviamente importantes. Mas não podem ser encaradas como uma simples informação técnica sem intenções ideológicas. Defender, por exemplo, a “literacia financeira” como necessária não pode significar apresentar como inevitável – como “pensamento único” – aquilo que é uma opção política naturalmente sujeita a esclarecimento e debate. Por isso se alertam as escolas e os professores para o interesse destes temas, mas também para a necessidade de os enquadrar numa perspectiva de educação para a cidadania, isto é de formação de cidadãos capazes de fazerem escolhas informadas e de agirem autónoma e responsabilmente.

*Maria Emília Brederode Santos*

